

“Melhor do que o previsto”

por Cecília Costa
do Rio

“O Brasil fechou um acordo com o Clube de Paris bem melhor do que o previsto. Nas últimas semanas as informações eram muito pessimistas e por isso fiquei surpreso com a inclusão de parte da dívida de 1987 e com a aceitação pelos governos credores de que o País não recorresse ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Trata-se de uma mudança de orientação que deverá ter repercussões significativas no mercado financeiro internacional.”

As afirmações são do diretor do Banco Nacional e presidente do Forex, Genival Santos, que também considerou positivas as condições de pagamentos para as dívidas de 1985 e 1986, reescaloadas em seis anos de prazo, com três anos de carência. Ele crê que a partir do fechamento desse acordo “se abrirão as portas dos

Eximbanks”, ou seja, essas instituições bancárias governamentais deverão voltar a financiar a importação de máquinas e equipamentos, auxiliando o Brasil a manter taxas de crescimento elevadas.

Os recursos que deverão ser liberados por esses bancos de importação e exportação, juntamente com novos créditos a serem concedidos pelo Banco Mundial (BIRD) e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), poderão totalizar os US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões necessários ao fechamento do balanço de pagamentos, neste ano. Disse ainda Santos, que a partir de ontem está vendo com maior otimismo a situação das contas externas brasileiras.

Também no que se refere à negociação com os bancos internacionais credores as perspectivas, a seu ver, são boas. Se os governos dos países desenvolvidos concederem prazos de reescalonamento elevados

para dívidas que perfazem cerca de CZ\$ 4 bilhões, “é praticamente certo”, observou, “que os bancos credores, detentores de dívidas totais de cerca de US\$ 80 bilhões, concederão prazos mais amplos ainda”.

E sem que o País tenha de recorrer ao Fundo Monetário Internacional e aceitar monitoramentos mais rígidos por parte dessa instituição, porque se o Clube de Paris fechou acordo com o Brasil sem o FMI, o diretor do Nacional acha que os bancos também aceitarão entrar em entendimento sem a intervenção do Fundo. Essas aberturas ou mudanças de posturas, na opinião de Genival Santos, devem estar ocorrendo em função de uma nova ótica do FMI em relação aos países em desenvolvimento, mais preocupada com o crescimento econômico do Terceiro Mundo do que com a exigência de implementação de planos recessivos de estabilização econômica.